# TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

## (1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

Este é o primeiro volume que se publica de uma série de antologias em que se reúnem peças em um acto, através das quais se projecta uma imagem dinâmica do teatro português, das origens até aos nossos dias.

Neste volume, que abarca a primeira metade do século xx, recolhem-se 28 peças de autores das mais diversas tendências, desde Marcelino Mesquita a Carlos Selvagem, passando por Manuel Laranjeira, Júlio Dantas, André Brun, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, António Ferro, Raul Brandão, António Patrício, Branquinho da Fonseca e Ramada Curto.

A peça num acto, pela necessidade de concentrar a acção, desenvolvê-la e resolvê-la, definir e situar as personagens, numa reduzida dimensão de tempo e espaço, constitui a pedra de toque de qualquer dramaturgia. Esta série de antologias traz-nos a prova da diversidade e vitalidade do nosso teatro.

Faculdade de Letras de Lisboa
ULFLOM00074

1 002051 550007

ULFLCH 00074
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

## (1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

temas portugueses

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## PREFÁCIO

1. *De Henrique da Mota e Gil Vicente até aos nossos dias, é possível seguir, com elevado grau de aproximação, a trajectória da dramaturgia portuguesa através de peças em um só acto — e a isso aspira esta série de antologias, por enquanto circunscrita ao século XX, em que estarão representados, com muito poucas excepções, todos os grandes nomes da nossa literatura teatral, a par de outros que, não sendo tão grandes, nem por isso contribuíram menos para que ela subsistisse, contra ventos e marés, ao longo dos tempos. Porque nada há de mais errado do que limitar a história literária às suas figuras cimeiras e às suas obras maiores; a actividade cultural não se esgota nelas e as suas fronteiras tendem a dilatar-se cada vez mais. O seu estudo ficaria inevitavelmente incompleto, e portanto desfigurado, se amputado de sujeitos e objectos considerados (com ou sem razão) menores, e até de manifestações a que geralmente (e preconceituosamente) se não reconhece o estatuto de culturais, mas pelas quais se definem o gosto, os hábitos e as tendências dominantes de uma época. Não estranhe, pois, o leitor se encontrar, neste e nos demais volumes que vão publicar-se, nomes e títulos que lhe não são familiares: tê-lo-ão sido para um público que entretanto desapareceu, e nessa medida concorreram para que se não quebrasse a continuidade de uma* praxis *que, entre nós, sempre esteve ameaçada de ruptura por toda a espécie de contingências.*

*A recolha abrange apenas peças em um acto, quais foram as que os nossos mais remotos dramaturgos escreveram e, de então para cá, quase todos (um António Ferreira, um Francisco Manuel de Melo, contam-se entre as raras e ilustres excepções; e quanto ao «Judeu», o episódio da ilha dos Lagartos é uma verdadeira peça num acto, encastoada na* Vida do Grande D. Quixote) *têm incluído na sua bagagem teatral. Parece assim ficar desmentida uma afirmação, muitas vezes citada, de Fialho de Almeida, para quem a «concisão nervosa, a intensidade de*

## ANTÓNIO FERRO

### A Mulher Fatal

### *(1928)*

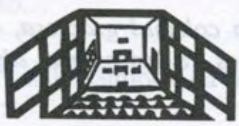
Nascido em Lisboa a 17 de Agosto de 1895 e aí falecido em 11 de Novembro de 1956, António Joaquim Tavares Ferro estreou-se nas letras em 1912, assinando com Augusto Cunha um volume de quadras ao gosto popular com o título *Missal de Trovas*. Três anos depois foi o editor do *Orpheu* — ao que parece por indicação de Mário Sá-Carneiro, que o não consultou... —, desenvolvendo até 1933, ano em que Salazar o nomeia director do Secretariado da Propaganda Nacional, uma intensa actividade como jornalista e conferencista situado nas franjas do modernismo. Ao mesmo tempo publica novelas (*Leviana*, 1922) e reportagens (*Colette, Colette Willy, Colette*, 1921; *Gabriel D'Annunzio e Eu*, 1922; *Viagem à Volta das Ditaduras*, 1927; *Praça da Concórdia*, 1929; *Hollywood, Capital das Imagens*, 1931), profere conferências de uma calculada irreverência (*As Grandes Trágicas do Silêncio*, 1917; *A Idade do Jazz-Band* e *A Arte de Bem Morrer*, 1922) e funda, com José Pacheco, o «Teatro Novo» (1925), de efémera duração, onde são levadas à cena peças de Jules Romains e Pirandello. O seu interesse pelo teatro manifestou-se ainda na organização, em 1931, de um Congresso Internacional da Crítica Dramática e Musical, que acabaria por saldar-se numa operação de propaganda do regime (mas que trouxe Pirandello a Portugal para aqui assistir à estreia mundial da sua peça *Sonho (ou Talvez Não)* e na criação, em 1936, do «Teatro do Povo» — bem como na escrita de duas peças cuja estreia causou escândalo, *Mar Alto* (1922) e *O Estandarte* (1932), a primeira por razões de ordem moral que levaram à sua proibição (o que motivou um indignado protesto subscrito por escritores e artistas de todas as tendências, de Raul Brandão e António Sérgio a Fernanda Pessoa e Eduardo Malta), a

segunda por razões políticas, além de outras que não chegaram a representar-se (*Eu não Sei Dançar, Qual É a Coisa Qual É Ela, A Encruzilhada* e *A Mulher Fatal,* as três últimas, em um acto, publicadas na página teatral do *Diário de Notícias* em 1927 e 1928).

# A MULHER FATAL

*Personagens:*

Manuel de Oliveira, o dramaturgo.
Maria da Luz, a ingénua.
Criada.



*Cenário: no escritório do autor dramático. O* bric-à-brac *de quase todas as casas portuguesas. Bom gosto e provincianismo. Desenhos audaciosos e bilhetes postais emoldurados...*

## CENA I

*(Manuel está sentado à secretária. Escreve com uma tortura visível. Fuma um cigarro e pára frequentemente, a inspeccionar os retratos. Ouve-se bater a uma porta, discretamente.)*

Manuel *(contente pela pausa)* — Entre...

A Criada *(assomando à porta)* — Está lá fora uma senhora que deseja falar-lhe.

Manuel — Uma senhora?

A Criada *(hesitante)* — Uma rapariga...

Manuel *(gozando o intervalo aos trabalhos forçados)* — Em que ficamos? Uma senhora ou uma rapariga?

A Criada *(sem saber já o que há-de responder)* — Ela traz chapéu...

Manuel — Uma senhora, portanto...

A Criada *(num desabafo)* — Mas o chapéu é uma bóina, usa os cabelos cortados e as unhas cortadas...

Manuel — Não faças caso... O mundo está assim... Manda entrar. Deve ser a Rosa do Ginásio, que não me deixa enquanto eu não lhe escrever mais duas frases para o seu papel na nova peça...

**CENA II**

Manuel e Maria da Luz

*(Maria da Luz é uma colegial graciosa, de uma timidez aparente, de cristal, entre os 16 e os 18 anos; traz alguns livros e cadernos debaixo do braço.)*

Manuel *(surpreendido)* — A quem tenho o prazer de falar?

Maria da Luz *(depois de uma hesitação)* — Eu sou a Maria da Luz...

Manuel *(divertido)* — E então o que deseja a Maria da Luz?

Maria da Luz *(com a decisão dos grandes momentos)* — Um lugar no teatro!

Manuel *(supondo compreender)* — Ah! Percebo... Uma entrada de favor para o Ginásio... *(Pegando num lápis e num bloco.)* Vai só ou com a mamã?

Maria da Luz *(aborrecida)* — Não, não é isso...

Manuel *(começando a perder a paciência)* — Um camarote?

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# ÍNDICE

Prefácio, de Luiz Francisco Rebello ..... 7

Marcelino Mesquita — *O Tio Pedro* (1902) ..... 15
Manuel Penteado — *Lei-San* (1903) ..... 31
Jorge Santos — *A Festa da Actriz* (1903) ..... 45
Augusto de Lacerda — *Terra Mater* (1904) ..... 59
Manuel Laranjeira — *Às Feras* (1905) ..... 103
Mário Gollen — *Os Degenerados* (1905) ..... 141
Emídio Garcia — *Os Que Furam* (1905) ..... 155
Júlio Dantas — *Mater Dolorosa* (1908) ..... 179
Carrasco Guerra — *O Triunfo* (1908) ..... 203
Urbano Rodrigues e Vítor Mendes — *O Camarim* (1910) ..... 225
Bento Mântua — *O Álcool* (1912) ..... 247
André Brun — *Cavalheiro Respeitável* (1914) ..... 273
Pedroso Rodrigues — *A Cilada* (1914) ..... 297
Ponce de Leão — *A Onda* (1915) ..... 311
Fernando Pessoa — *O Marinheiro* (1915) ..... 331
Abreu e Sousa — *Penélope* (1919) ..... 347
Almada Negreiros — *Antes de Começar* (1919) ..... 361
Raul Brandão — *O Doido e a Morte* (1923) ..... 379
António Patrício — *Judas* (1924) ..... 397
Vasco Mendonça Alves — *Viva da Costa!* (1925) ..... 403
Vitoriano Braga — *Lua-de-Mel* (1928) ..... 427
Chagas Roquete — *O Trivial* (1928) ..... 445
Branquinho da Fonseca — *A Posição de Guerra* (1928) ..... 455
António Ferro — *A Mulher Fatal* (1928) ..... 467
João Pedro de Andrade — *Continuação da Comédia* (1931) ..... 479
Ramada Curto — *Três Gerações* (1931) ..... 497
Alice Ogando — *A Prima Tança* (1934) ..... 513
Carlos Selvagem — *Balada de Outono* (1945) ..... 527

Esta edição de
*Teatro Português em Um Acto (1900-1945)*
foi executado na
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
com uma tiragem de mil exemplares.
Orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM.
Capa de Armando Alves.
Como vinheta utilizou-se desenho da autoria de
Branquinho da Fonseca, extraído da peça
*A Posição de Guerra,* edição da *Presença,* 1928.

Acabou de imprimir-se
em Outubro de mil novecentos e noventa e sete.

ED. 42 000 952
CÓD. 205 155 000
ISBN 972-27-0867-8

DEP. LEGAL N.º 115 805/97